

## EDITORIAL

Caros leitores e associados,

É com satisfação que compartilhamos com vocês mais um exemplar de nosso boletim **Informa**. A cada seis meses, nosso desafio é criar um boletim consistente que agregue aos associados informações pertinentes a nossa prática profissional.

Em especial, nesta edição, focalizamos o tema subjetividade, que também será o tema do futuro VI Simpósio da Região Sudeste, que ocorrerá em outubro próximo. Mas, por que vamos nos deter neste tema? Por que o foco é a subjetividade? O que nos levou a escolher este tema?

Desde o ano passado, percebemos que a maioria dos eventos, lives e cursos realizados por nós discutiam questões relativas as habilidades cognitivas, aos instrumentos avaliativos baseados em evidências científicas, mensuráveis e que pouco se discutiu sobre os aspectos subjetivos que tanto interferem na aprendizagem. Nesse sentido, a subjetividade atinge tanto o nosso sujeito da aprendizagem como a nós profissionais, passíveis como humanos, das mais diversas emoções. Verificamos que pouco se discute sobre esse eixo que juntamente com os aspectos biológicos, cognitivos, sociais e ambientais integram a prática psicopedagógica.

Assim, convidamos psicopedagogos com muita referência em nossa área de atuação que escrevessem para nosso periódico. Elegemos algumas prioridades a respeito deste tema, entre eles: a subjetividade e o psicopedagogo; a subjetividade e a relação com o sujeito da aprendizagem; como a subjetividade é trabalhada nos cursos de formação; a influência da subjetividade na relação com a escola/instituição; a subjetividade que permeia as relações familiares e com o psicopedagogo e, para finalizar, um estudo de caso.

Conforme o artigo de Ruth Nassiff *onde escreve: "Quando nós terapeutas, apresentamos uma escuta alargada, somos capazes de ouvir a família e adentrar ao universo familiar, para juntos compreendermos o que está por detrás desse sujeito identificado."*

Felizmente nossos convidados aceitaram esse desafio e pudemos criar um **Informa** denso de reflexões sobre este tema. Contamos com Beatriz Scoz, com o artigo: *Subjetividade de Psicopedagogos nos Cursos de Psicopedagogia: Sentidos do Aprender e do Ensinar*; Leda Barone com o artigo: *Humanização e Literatura*; Sonia Colli com o relato clínico: *A Subjetividade em Questão - um Estudo de Caso como tela para reflexão* e Ruth Nassiff com o artigo: *A relação entre o sujeito identificado, a família e o sujeito do terapeuta*.

Esperamos que os leitores desfrutem e passem a compartilhar conosco a preocupação em estudar e nos aprofundar nesta interface tão importante na práxis psicopedagógica.

Além dos artigos também compõem nosso boletim os eventos realizados durante o primeiro semestre deste ano pela diretoria cultural e da coordenação do projeto social, como também, sugestões de leituras interessantes e mais recentes para nosso aprimoramento e formação profissional.

**Rebeca Lescher**  
Diretora Presidente da ABPP SP (gestão 2020 - 2022)

## AGENDA CULTURAL

**Julho** – Curso para associados

**Agosto** – 2ª Reunião do Conselho Estadual ABPP SP  
3ª Reunião do Projeto Social ABPP SP

**Setembro** - Curso para associados

**Outubro** – VI Simpósio de Psicopedagogia da Região Sudeste

**Novembro** – Dia do Psicopedagogo

Titularidade

3ª Reunião do Conselho Estadual ABPP SP

## PROJETO SOCIAL

**Projeto Social da Associação Brasileira de Psicopedagogia  
Seção São Paulo  
ABPP SP - vai à comunidade**

Constatamos com alegria o interesse que o Projeto Social da ABPP Seção São Paulo vem despertando a cada ano. No primeiro semestre de 2021, na reunião inicial no mês de fevereiro, pudemos contar com a participação de um número maior de novas associadas candidatas, ao trabalho voluntário.

A visibilidade também é um fato, tanto que recebemos o contato de entidades que abriram suas portas para as ações do projeto.

Os atendimentos individual e institucional respeitaram as restrições impostas pela crise sanitária no país, e em sua maioria ocorreram de modo online.

Desde o início da pandemia, em março de 2020, os desafios têm sido grandes, mas a disponibilidade, responsabilidade e dedicação das voluntárias – supervisoras e supervisionandas, têm mantido a constância e a qualidade do trabalho voluntário.

Ficou motivado/a? Pode doar seu tempo e trabalho?

Junte-se ao Projeto Social da ABPP Seção São Paulo!

Inscreva-se: <https://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/inscreva-se/>

Procure mais informações em:

<http://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/historico>

**Associe-se à ABPP SP e participe deste projeto!**

**M<sup>ª</sup> Cristina Natel e Sandra N. Santilli**

**Coordenação do Projeto - gestão 2020/2022**

## PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

[www.saopauloabpp.com.br](http://www.saopauloabpp.com.br)  
[saopaulo@saopauloabpp.com.br](mailto:saopaulo@saopauloabpp.com.br)  
contato: 11 9.6416-1030



ABPP SP – Associação Brasileira de Psicopedagogia SEÇÃO SÃO PAULO



@abppsp

## ARTIGOS

### SUBJETIVIDADE DE PSICOPEDAGOGOS NOS CURSOS DE PSICOPEDAGOGIA: SENTIDOS DO APRENDER E DO ENSINAR

**Beatriz Judith Lima Scoz** - psicanalista; psicopedagoga; pós-doutorado em Psicologia da Educação pela Universidade Federal de Brasília (UnB); doutorado e mestrado em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); Membro do Departamento de Psicopedagogia do Instituto *Sedes Sapientiae/SP*; coordenadora do grupo: "Ações Cooperativas: conhecimentos da Psicopedagogia para profissionais da educação"; coordenadora do grupo "Subjetividade, Educação e Saúde".

Como se sabe, diversas situações humanas (na família, na escola, no trabalho, nos diferentes contextos sociais) podem ser compreendidas quando analisadas a partir da subjetividade (Scoz, 2011, p. 26). Esta permeia o modo de estar no mundo, no trabalho humano em geral, afetando, no caso do psicopedagogo, suas perspectivas em relação à sua formação e às suas formas de atuação profissional.

Entretanto, a natureza complexa do sujeito e da subjetividade tem sido pouco valorizada nos cursos de Formação em Psicopedagogia. A maioria desses cursos é influenciada por um academicismo excessivo, operando-se, assim, uma ruptura decisiva entre o sujeito e o conhecimento. Em outras palavras, o excesso de informações, de conteúdos e de concepções, essencialmente intelectuais, não dão conta de perceber os alunos/psicopedagogos como indivíduos com subjetividades pessoais e profissionais. Enfim, como sujeitos que vão produzindo sentidos em seus processos de aprender e de ensinar, nos quais se integram suas condições sociais e afetivas, seus pensamentos e suas emoções. Talvez, por detrás dessas concepções esteja presente a dificuldade do sistema educativo (nas escolas, nas universidades e nos grupos formativos) em reconhecer, tratar e pensar a complexidade do ser/existir humano.

O psicopedagogo precisa ser considerado como sujeito, portador crenças, valores, expectativas que direcionam os seus modos de aprender e de ensinar. Ou seja, os processos de ensino e aprendizagem não podem ser considerados da maneira mais frequente, como algo que está "fora" do psicopedagogo, mas como um momento constitutivo essencial definido pelo sentido que esses processos têm para ele, dentro da condição singular em que se encontra - os processos de aprendizagem e de ensino precisam ser inseridos em sua trajetória de vida. Para que isso ocorra, há a necessidade da abertura de espaços para que os psicopedagogos possam repensar seus modos de ser e de estar na sociedade e em seu trabalho. Sem isso, pouco poderão contribuir para a melhoria de suas atuações profissionais.

Pelo visto, um trabalho com a subjetividade dos psicopedagogos é imprescindível e, embora os processos psicoterapêuticos sejam importantes e a Psicopedagogia seja reconhecida como uma área de estudos e de atuação interdisciplinar, não se pode esquecer que o foco principal que norteia as ações do psicopedagogo são os processos de aprender e de ensinar. De sorte que há uma questão importante a ser respondida: como os profissionais que buscam uma formação psicopedagógica, podem atuar de forma eficaz frente aos processos de ensino e de aprendizagem e os problemas deles decorrentes, sem compreender seus próprios processos de aprender e de ensinar? Quais sentidos os psicopedagogos produzem em seus processos de aprender e de ensinar em suas famílias, comunidades de convivência, escolas, bem como as possíveis relações entre tais sentidos? Quais são as percepções que os psicopedagogos têm acerca de suas produções de sentidos e quais sentidos novos vão produzindo em suas atuações profissionais e em seus processos de aprender e de ensinar?

### Formação pessoal: propostas genéricas ou inerentes à psicopedagogia?

Conforme o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia/ABPp (cap. IV, 2019), sem dúvida é importante e desejável que o psicopedagogo se submeta ao processo terapêutico como investimento na formação pessoal. Porém, conforme minha experiência na supervisão, na implementação, na coordenação e na docência de cursos de formação de psicopedagogos (pós-graduação *lato sensu*) é raro que tal fato ocorra. Para dizer a verdade, nem sempre o tempo e as condições financeiras do psicopedagogo, são favoráveis para que este acompanhamento aconteça. Como então, resolver essa situação?

Como já escrito, se a formação pessoal de psicopedagogos é indispensável e urgente porque interfere nos processos de ensino e aprendizagem do próprio psicopedagogo e de seus pacientes, uma via para garanti-la, seria a realização dessa formação nos próprios cursos de Psicopedagogia. Não como uma proposta com técnicas aleatórias e fechadas que impossibilitam espaços de criatividade e que geram submissão, mas sim, com base em referenciais teóricos consistentes que permitam descobrir, escolher e realizar descobertas em relação a si mesmo e à própria prática.

As concepções teóricas histórico-culturais de Fernando Luiz Gonzáles Rey acerca da subjetividade, em suas perspectivas abrangentes, interdisciplinares e transformadoras e por considerar a complexidade do ser humano, são apropriadas para compreender as subjetividades dos psicopedagogos no processo de aprender e de ensinar. Como se sabe, no universo tudo e todos estão em permanente transformação, bem como o processo de ensino e de aprendizagem. Essa dinâmica só pode ser contemplada por uma proposta teórica que expresse esse movimento.

Para González Rey:

[...] a subjetividade não é algo ordenado e definido de uma vez por todas, mas se expressa a partir da confluência de uma série de sentidos de elevada variabilidade. Esses elementos podem aparecer de formas diversas, dependendo do contexto de sua expressão. (2003, p.26)

Além disso,

[...] qualquer experiência humana é constituída por diferentes elementos de sentido que, procedentes de diferentes esferas da experiência, determinam em sua integração o sentido subjetivo da atividade atual desenvolvida pelo sujeito. (2003, p. 29)

É importante que esse movimento seja captado e transformado em ações concretas em direção à formação de psicopedagogos para propiciar a abertura de espaços facilitadores de produção de sentidos, conseqüentemente, da construção de subjetividades no processo de aprender e de ensinar. Talvez assim, seja possível superar as situações problemáticas relativas à formação de psicopedagogos e, conseqüentemente, à qualificação das ações psicopedagógicas nos consultórios e nas instituições.

#### Referências Bibliográficas:

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA/ABPp. *Código de Ética*. Disponível em: <<https://www.abpp.com.br>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- GONZÁLEZ REY, Fernando L. *Sujeito e Subjetividade. Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.
- SCOZ, Beatriz *Identidade e Subjetividade de professores: sentidos do aprender e do ensinar*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

#### HUMANIZAÇÃO PELA LITERATURA

**Leda Maria Codeço Baroni** – Dra. em Psicologia Escolar pelo Instituto de Psicologia da USP. Psicopedagoga, membro da ABPp. Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. E-mail: [ledabarone@uol.com.br](mailto:ledabarone@uol.com.br)

Num belo texto, Mario Vargas Llosa (2007) lembra a afirmação de Proust sobre a literatura: “A verdadeira vida, a vida por fim esclarecida e descoberta, a única vida, portanto, plenamente vivida, é a literatura. (Llosa, 2007: 356). Confesso que, à primeira vista, achei muito estranha a afirmação de Proust imaginando que, de alguma maneira, ela negava a realidade da vida em sua complexidade, enigmas e contrastes entre as alegrias e dissabores que ela nos impinge. No entanto, deixando reverberar mais em mim a afirmação de Proust, ao mesmo tempo em que buscava a experiência de leitora apaixonada que sou e lembranças de textos da crítica literária, tive que concordar com ele. A vida como é não nos basta. Somos seres cuja sobrevivência física, apenas, não nos basta. Precisamos de mais. Há bens que nos são indispensáveis, bens que se nos faltam, mutilam a nossa vida. E entre eles, Candido (2004) reconhece a literatura. Para o autor, não há povo ou homem que possa viver sem alguma espécie de fabulação. “Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte quatro horas do dia sem algum momento de entrega ao universo fabulado.” Candido, 2004. P. 174). Para o autor, a literatura é o sonho acordado das civilizações. E, se o sonho é necessário a nosso equilíbrio psíquico, a literatura talvez seja fator de equilíbrio social. Assim, a literatura é indispensável à humanização e confirma o homem na sua humanidade. Continuando o argumento, Candido reitera que a literatura nos humaniza. Ela desperta em nós aqueles traços fundamentais ao ser humano: a inteligência, o desenvolvimento das emoções, do senso de beleza, do humor, da boa disposição para com os outros e a capacidade de perceber a complexidade do mundo. Essa função humanizadora, na visão do autor, deve-se a complexidade de sua natureza. Ela é uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado; ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo de indivíduos e dos grupos; e, ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. Para investigar o que a literatura pode dizer acerca de nós mesmos, para compreender a auto- interpretação humana que se faz por meio da literatura, Iser (1996) reconhece como necessário esboçar uma nova heurística que pudesse ser sustentada por disposições humanas que, ao mesmo tempo, fossem constitutivas da literatura. Reconhece tanto na *ficção* quanto no *imaginário* esse fundamento, uma vez que os dois fenômenos existem tanto como experiência humana – seja porque superamos o que somos através de mentiras e dissimulações, seja porque vivemos nossas fantasias durante nossos devaneios diurnos, nos sonhos e nas alucinações – e como são também constitutivas da literatura. Iser (1996) desenvolve uma antropologia literária em que o ato de leitura se faz como encenação. Para o autor a encenação é mais um modo antropológico que uma categoria cognitiva. É “uma modalidade que ganha sua plena função quando o conhecimento e a experiência, enquanto modos de produção de mundos chegam a seus limites. Pois a encenação se refere a estados de coisas que nunca podem adquirir presença plena. (...) a encenação torna concebível a extraordinária plasticidade dos seres humanos...” (Iser, 1996: 358). E nesse espaço de encenação que é a literatura, o ato de duplicar-se a si mesmo por meio da ficção, cria um espaço performativo no qual os seres humanos podem encenar a diferença entre *ser quem são* e *ter a si mesmo*. Para Iser “a encenação é o esforço incansável para o confronto do ser humano consigo mesmo. A encenação permite, mediante simulacros, dar forma ao transitório do possível, e, controlar a revelação contínua do ser humano em suas possíveis alteridades.” (Iser, 1996: 363). Considerando minha experiência de leitora e os ensinamentos de Candido e de Iser apontados acima, reitero concordar plenamente com a afirmação de Proust sobre a vida e a literatura. *A vida plenamente vivida é a literatura*, porque por meio dela nos tornamos mais humanos. Por meio dela nos duplicamos em nossas diferentes alteridades e possibilidades de criar formas diversas de ser e estar no mundo.

#### Referências Bibliográficas:

- CANDIDO, A. (2004). O direito à literatura. Em: Antonio Candido, *Vários escritos*. São Paulo: Editora Duas Cidades/Ouro sobre azul. P. 169-191.
- ISER, W. (1996). *O fictício e o imaginário. Perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EduERJ.
- LLOSA, M. V. (2007). *A literatura e a vida*. Em: Mário Vargas Llosa, *A verdade das mentidas*. São Paulo: Editora Arx. P. 349-367.

#### A relação entre o sujeito identificado, a família e o sujeito do terapeuta.

**Ruth Nassiff** – Psicopedagoga Clínica e Institucional pelo Instituto Sedes Sapientiae, Pós-Graduada em Neurociência, Psicanálise, Docência do Ensino Superior. Mediadora do Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI 1 e 2), do Professor Reuven Feuerstein, formada pelo Instituto Centro de Modificabilidade Brasileira. Diretora Cultural da Associação Brasileira de Psicopedagogia Seção São Paulo – ABPP SP, 2015 - 2022. Orientadora Educacional de escola particular.

É possível atribuímos uma linguagem construtiva na relação com a família e com o sujeito identificado?

É possível produzir sentido, no atendimento clínico, ao sujeito, à família e ao terapeuta?

O que é a família? Um grupo de elementos interdependentes, que organizam um todo e que apresentam um funcionamento próprio. É um sistema vivo capaz de se auto proteger e buscar o seu equilíbrio próprio. Há um objetivo comum que une esses elementos pelos vínculos entre eles, de afinidade, afeto e solidariedade e que vivem juntos. O que é o sujeito/paciente identificado? É o sujeito que vem para o consultório com a família, e que apresenta um quadro de dificuldade de aprendizagem ou comportamental, às vezes sem desejo de aprender ou que tem o desejo para aprender, mas não aprende.

Os pais deixaram de ser vistos como agentes nocivos, e surgiu a ideia de que a patologia era inerente aos relacionamentos entre pacientes, pais e outros significativos. Essa mudança teve consequências profundas. A psicopatologia já não estava mais localizada dentro do indivíduo; os pais já não eram vilões, e os pacientes já não eram vítimas. Agora, a sua interação era vista como o problema (NICHOLS).

Quando nós terapeutas, apresentamos uma escuta alargada, somos capazes de ouvirmos a família e adentrarmos ao universo familiar, para juntos compreendermos o que está por detrás desse sujeito identificado. O objetivo a ser alcançado, é uma *mudança de foco* do paciente-identificado para o grupo familiar, como um todo. Virginia Satir, procura fazer com que a família perceba que estão trabalhando com um *sistema familiar*, para o qual, cada elemento traz uma contribuição. Ela diz da importância em tirar o *rótulo do paciente-identificado*. Qual a relação entre o sujeito identificado e a família e vice-versa? O sujeito é constituído pela produção social, pelo ambiente familiar e pelo sistema que é vivo. Sociedade, família, escola e, agora, com o terapeuta. Quando recebemos um paciente, na clínica psicopedagógica, perguntamos à família qual o motivo, qual a razão pelo atendimento psicopedagógico. Em psicopedagogia, nomeamos pela busca ou procura do atendimento. Durante a sessão de anamnese, a nossa escuta se amplia de tal forma, que os conteúdos da anamnese, tem uma relevância e significância, igualmente, quando ouvimos uma música, o tom mais alto e baixo, grave ou agudo, será um momento para a dança ou para recolhimento? Construimos a anamnese com a família, para além das perguntas mais objetivas e dados históricos do paciente identificado. Quando a família fala, pensamos nas palavras que estão dizendo, nos gestos e movimentos do corpo, de cada um do membro familiar e observamos, dialogamos a partir da fala do outro, nos sentimos afetados, para nos organizarmos emocionalmente e mentalmente. A partir desta conversação, é importante pensarmos como as pessoas estão se relacionando e conscientizarmos à descoberta de que há uma corresponsabilidade na globalidade desta família. Há interação entre o terapeuta e a família e se há abertura, avaliamos se fazemos novas perguntas, a partir do que foi dito por eles, se solicitamos mais histórias, ou outras histórias, ou se focamos as circunstâncias do momento da sessão, ao contexto aqui e agora, se algo poderia ser modificado, naquilo que foi dito pela família.

Aqui, trago a minha observação pessoal no atendimento à família. Questiono-me, pergunto-me, expresso-me, observo e me incluo como mais um elemento, naquela família, interajo com ela.

A subjetividade está presente em cada família, em cada sujeito e em cada terapeuta. O comportamento de um membro da família pode afetar o outro, que afeta o outro membro e assim, sucessivamente. Um sintoma, não necessariamente, apresenta uma causa, mas tem um significado construído pelos envolvidos em uma relação e dentro de um contexto, tendo, portanto, um sentido e valor na comunicação.

A fala da família fala comigo diferentemente, dentro de mim, dentro da minha subjetividade de terapeuta. A subjetividade do terapeuta deveria ser um elemento confiável no qual ele pode se apoiar no processo terapêutico e ao analisar as suas reações, isso lhe permitirá utilizá-las para suas estratégias terapêuticas. Sua subjetividade é a sua melhor aliada. Para o autor Ausloos, ele cria tempos e velocidades diferentes, nas relações que estabelece com cada família. Ele interage com a fala da família e reflete se está à altura, se está preparado à conversa ou se fica preso aos seus próprios significados. Esses significados devem lhe tocar para entrar na conversa, para construir junto um diálogo que produza sentido e significados para todos e produzir uma conversação colaborativa em prol do crescimento da família e a dele, humanamente. Nessa perspectiva, acredito na mobilização da terapia para ativar o processo e circularizar a informação, colocar-se à frente das possibilidades de utilização da informação para orientar a família.

De acordo com Guy Ausloos, o que mais preocupa os pais é a própria desorientação diante dos conflitos com os filhos. Eles não sabem o que fazer e escutam teorias contraditórias: algumas recomendam que os pais devem conversar e explicar, outras que os pais devem agir. Surgem várias teorias do que é ser um bom pai e uma boa mãe. As famílias são desestabilizadas por dificuldades e mutações dos estatutos parentais, pela perda dos valores tradicionais, pela violência social e pela incerteza quanto ao futuro perante as questões sociais.

Tom Andersen traz à luz, o pensamento de Maturana e Varela que considera a pessoa como um todo. Uma pessoa pode ser o que ela é, significa que ela só poderá reagir a uma determinada situação com algum recurso do seu repertório. No entanto, com o tempo, esse repertório pode ser alterado devido a algumas velhas formas que estão desaparecendo aos poucos e outras novas que estão surgindo. Quando uma pessoa se fecha a um distúrbio, essa atitude também pode ser considerada uma resposta a algo que é experienciado como incomum demais. Na família, quando há o sujeito identificado, com um problema, esse distúrbio é parte de todos, se ampliamos essa conotação e nos responsabilizamos juntos pelo sujeito, criamos repertório e as narrativas vão se construindo na relação social entre o sujeito, a família e o terapeuta e todos crescem na constituição da família, inclusive o sujeito. Hoje, há uma característica particular, na forma como nos relacionamos com as famílias, quando pensamos em pais disfuncionais, causa-nos uma estranheza, pois também ocupamos o papel de membro da família, representamos parte da nossa família e podemos nos colocar no lugar delas, que atendemos e podemos evitar o uso do termo disfuncional. Quem não apresentou um comportamento não funcional com um dos nossos entes queridos, essa pergunta é boa para fazermos a nós terapeutas.

O pensamento pós-moderno, ao papel do terapeuta, colabora e quebra paradigma, incluindo-o como observador no sistema vivo e que interfere neste com as múltiplas distinções que faz, com sua experiência na conversação, fazendo autorreferência e trabalhando com a mudança no sistema, admitindo que não controla o processo, portanto, respeita a verdade da família. O terapeuta/observador reconhece-se como parte do sistema e atua na co-construção da realidade ou contexto familiar, isto é a terapia sistêmica que tem um viés interacional. E, ao estudarmos esse termo, o autor Guy Auloos, diz, que é possível enxergar a competência na família, por meio de uma ação positiva, conversação positiva (conotação positiva) e não a disfunção. O autor questiona: Deveríamos olhar as famílias como disfuncionais ou como competentes para as tarefas que deveriam cumprir? Nas palavras de Auloos, conotar positivamente o sistema ou o paciente identificado é destacar o que há de positivo no funcionamento do sistema ou no comportamento do paciente. É passar de uma definição patológica da família à ativação de suas competências. É ressaltar que, no funcionamento que tínhamos tendência a etiquetar negativamente, a família mostra também sua competência. É colocar em evidência que o comportamento do paciente identificado não é apenas prejudicial, mas revela também recursos. Ainda, segundo Auloos, as famílias têm as competências necessárias para efetuar as transformações necessárias. Nós teremos melhor tempo para: – lhes permitir compreender melhor, do que lhes

transmitir nossa compreensão; – lhes deixar a responsabilidade da mudança mais do que ser o agente; – nos abrir para o imprevisto mais do que querer controlar tudo. Eles terão melhor tempo para: – achar suas autossoluções mais do que seguir nossos conselhos; – poder experimentar antes de decidir; – se comprometer com o futuro mais do que se voltar para o passado. Esse processo de autossoluções é constituído pelo conceito da circularidade que é fazer circular a informação, permitindo que as famílias encontrem suas próprias soluções. Segundo o autor: Uma família só pode se colocar problemas que seja capaz de resolver. Nossa intervenção terapêutica, às vezes, nos leva a tomar nossas teorias como sendo verdadeiras e as melhores, mas o que respalda a nossa intervenção é ativar o processo terapêutico da sessão. Fazer o questionamento para circular o que é dito, refletido e devolver de forma que seja pertinente à família. Acolher a família, pela vinda do sujeito identificado, é um caminho bom, como intervenção terapêutica.

#### Referências bibliográficas:

- ANDERSEN, Tom. Tradução Rosa Maria Bergallo. Processos Reflexivos. NOOS. ITFSP. Rio de Janeiro. 2ª ed. 2002. - MCNAMEE, Sheila; GERGEN, Kenneth J. Tradução Cláudia Oliveira Dornelles. A terapia como construção social. Instituto NOOS. São Paulo. 2ª ed. 2020.
- AUSLOOS, Guy. Tradução Equipe da Terra dos Homens. A competência das famílias. Booklink. Rio de Janeiro. 2ª ed. 2011. - BARRETO, Adalberto de Paula. Terapia comunitária – passo a passo. LCR. 2008. - NICHOLS Michael P.; Schwartz Richard C. Terapia Familiar – conceitos e métodos. tradução Maria Adriana Verissimo Veronese. – 7ª. ed.– Porto Alegre: Artmed, 2007.
- <https://www.redepsi.com.br/2008/12/15/psicoterapia-do-grupo-familiar/>.

## ESTUDO DE CASO

### A SUBJETIVIDADE EM QUESTÃO - um Estudo de Caso como tela para reflexão

**Sonia Maria Colli de Souza** - Membro Vitalício da ABPp SP. Membro Titular da ABPp Nacional. Membro do CAEF Nacional da ABPp. Parecerista da Revista da ABPp. Mestre em Educação; Pedagoga especialista em Ed. Especial; Psicopedagoga. Atuação em Psicopedagogia Clínica e Hospitalar; Coord. de curso de Pós-graduação em Psicopedagogia da UNIP- SP; Profa. em cursos de Pós-graduação em Psicopedagogia da UNIP; UNIFAI; Unichristus em Fortaleza; Escola Bahiana de Medicina em Salvador e Instituto FACES.

Subjetividade sempre foi tratada com ênfase em Psicopedagogia sendo reconhecida como uma forma de compreensão de fatos que envolvem o homem, a sociedade e aprendizagem. A subjetividade permeia o modo de se ver, analisar, compreender e tratar situações vividas por cada ser envolvido num mesmo fenômeno. Essa compreensão afeta as metas ou perspectivas na atuação do profissional, como também a compreensão de cada sujeito envolvido na situação, baseada nos sentidos que cada um atribui a um mesmo fato de forma singular de acordo com sua trajetória de vida, valores e relações pessoais. Assim o resultado de análises de situações ou experiências de vida, podem se mostrar diversos entre si quando olhadas ou escutadas por diferentes pessoas, em posições diferentes num mesmo fato ou fenômeno, determinando diferentes formas de intervenção profissional, pois a escolha da metodologia de ação, também será subjetiva. A subjetividade na compreensão de um estudo de caso ou de qualquer situação, é baseada em crenças e valores de cada indivíduo, em seus referenciais teóricos filtrados ou permeados por suas experiências vividas social e culturalmente. Subjetividade é o entendimento do Ser considerando-se todos os acontecimentos e elementos presentes no ambiente em que ocorre um fato, formado na relação com o outro e se desenvolve pela apreensão de símbolos e significados construídos socialmente entre pessoas. Subjetividade é a síntese que cada pessoa constrói pra si em relação ao outro, fato ou um fenômeno, na compreensão de um dado sócio- histórico. O estudo de caso abaixo servirá como pano de fundo na compreensão subjetiva de um caso “olhado e escutado” nas perspectivas do sujeito, da família e da escola sob a ótica psicopedagógica. No relato da mãe, Luis Claudio, nome fictício usado para efeito deste estudo, sempre foi uma criança tranquila, alegre, calma, cordata e de fácil condução... essa primeira

## RESENHA DE LIVRO

**Capacidade para não aprender – Manejo e contribuições da psicanálise ao cotidiano escolar**

Ana Archangelo – Editora Zagodoni



O livro retrata os processos de ensino e aprendizagem que excluem socialmente a criança e seus impactos na instituição escolar. Com o viés da psicanálise de Bion, revela como as crianças adquirem a capacidade real de se manterem vivas num ambiente social e emocional excludente que, por vezes, é a escola. O livro demonstra também o sofrimento da figura do professor que acompanha a criança que não aprende. Um livro para ler e compartilhar sobre as estratégias, para que o ambiente escolar seja bom e saudável e como superação da não aprendizagem.

**Tela com Cautela – Um guia prático para criar filhos na era digital (sem perder a sanidade)**

Rafaela Carvalho e Roberta Ferec - Editora Matrescência



Este livro foi escrito por duas mães, e nasceu do desejo em reunir informações e reflexões para orientar os filhos aos bons hábitos tecnológicos. Um livro surpreendente para pais e educadores na orientação e manejo com os filhos e alunos, sobre o uso dos equipamentos tecnológicos e redes digitais, smartphones, tablets, computadores, internet, jogos virtuais e redes sociais.

**Ruth Nassiff** – Diretora Cultural da Associação Brasileira de Psicopedagogia Seção São Paulo – ABPp SP, 2015 - 2022.

## ACONTECEU

Neste espaço divulgamos e registramos, por ordem de realização, os eventos promovidos pela ABPp Seção São Paulo, durante o 1º semestre de 2021. Devido à pandemia, todos os eventos realizados pela ABPp SP, foram realizados pela Plataforma Zoom.

- **10/02 (4ª feira)** – Divulgação do Projeto Social da ABPp Seção São Paulo no Instituto Singularidades. As coordenadoras do Projeto Social, **Sandra Lia N. Santilli** e **Maria Cristina Natel**, acompanhadas por **Marcia Verri**, Diretora Executiva da ABPp SP, participaram deste evento on-line.

- **24/02 (4ª feira)** – Live com o tema: *Conversando com as famílias...* A ABPp SP recebeu as Terapeutas de Família: **Cristiana Pires Gonçalves Pereira** e **Simone Bambini Negozio**.

- **24/03 (4ª feira)** – Live com o tema: *A escuta hospitaleira: como receber as famílias?* - A ABPp SP, recebeu novamente o palhaço, escritor e educador: **Cláudio Thebas**. Conversando, caminhamos com ele, por estradas de acolhimento, compreensão e amor.

- **16/04 (6ª feira)** – Fórum de Discussões com o tema: *Um passeio pela obra de Jorge Visca: histórias e memórias*. Jorge Visca, o pilar da Epistemologia Convergente, foi homenageado e seus estudos relembrados. Contamos com a presença de **Simone Calberg**, sua discípula direta, **Florência Visca**, sua filha que dá continuidade ao seu instituto na Argentina, mediadas por **Paula Roberta Martins**, membro da nossa Diretoria Executiva e estudiosa de seu legado.

- **11/05 (3ª feira)** – Evento com o tema: *Conversando sobre o percurso da tramitação do Projeto de Lei que regulamenta a atividade de Psicopedagogia*. Recebemos a **Profa. Dra. Neide Noffs** e **Luciana Almeida ex-presidente da ABPp Nacional**, com a mediação de nossa **Conselheira Vitalícia Maria Cristina Natel**, para uma conversa importante e esclarecedora a todos os psicopedagogos.

- **24/06 (5ª feira)** – *Oficina de Jogos On Line* – evento realizado com a equipe técnica da Galápagos.

Encerramos as atividades do 1º semestre, com a Oficina de Jogos On Line. A equipe dos **Jogos Galápagos**, trouxe opções de atividades possíveis, para colaborar com os atendimentos psicopedagógicos.

## EXPEDIENTE – DIRETORIA EXECUTIVA 2020 / 2022

### DIRETORIA EXECUTIVA

**DIRETORA PRESIDENTE:** Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

**DIRETORA VICE-PRESIDENTE:** Andréa de Castro Jorge Racy

**DIRETORA SECRETÁRIA:** Wylma Espinheira Teixeira Ferraz

**DIRETORA SECRETÁRIA ADJUNTA:** Paula Roberta M. Fernandes de Castro Santos

**DIRETORA FINANCEIRA:** Helena Maria Barbosa da Silva

**DIRETORA FINANCEIRA ADJUNTA:** Márcia Alves Verri

**DIRETORA CULTURAL:** Cecília Gereto de Mello Faro

**DIRETORA CULTURAL ADJUNTA:** Ruth Nassiff

**DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS:** Maria Lúcia Moura Caruso

**DIRETORA ADJUNTA DE RELAÇÕES PÚBLICAS:** Daniella de Moura Pereira Robbi

### PROJETO SOCIAL

**COORDENADORAS DO PROJETO SOCIAL:**

Maria Cristina Natel e Sandra Lia N. Santilli

### CONSELHO ESTADUAL:

Ariane Zanelli de Souza

Camila Barbosa Riccardi León

Carla Labakí Agostinho Luvizotto

Eliana Santos Moura

Ernani Pereira Junior

Márcia Alves Affonso

Regina Irani Spirandeli Federico

Sandra Casseri Rindeika

Sílvia Amaral de Mello Pinto

### CONSELHO FISCAL:

Márcia Maria Machado Monteiro

Ymei Uvo de Sá Trench

### CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**

**EDITORA DE REDAÇÃO:** Andréa de Castro Jorge Racy

**CONSELHO EDITORIAL:** Ariane Zanelli de Souza, Maria Cristina Natel e Cecília Gereto de Mello Faro

**COLABORAÇÃO:** Daniella de M. P. Robbi, Ruth Nassiff, Wylma E. T. Ferraz e Camila B. R. León.

**TIRAGEM:** 500 exemplares

**CRIAÇÃO E IMPRESSÃO:** KOSMOGRAF